

o mundo de...

Sidh Mendiratta O arquiteto oriental

Fez a primeira viagem à Índia com 10 meses. De ascendência indiana e luso-alemã, sente um apego especial por aquele país e pelo Oriente em geral

DEPOIMENTO RECOLHIDO POR FLORBELA ALVES



ZOOM

Com 36 anos, acaba de chegar de uma viagem de mês e meio à Ásia, no âmbito do projeto *Domus Fortis in Equador*, com o qual venceu o Prémio Távora 2013. Dá aulas na Lusófona, no Porto, e é investigador no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

■ «A Ilha de Jaco, em Timor, é um sítio único. No âmbito do Prémio Távora, visitei-a com dois amigos, desde Díli, numa viagem que demorou 12 horas. A comunidade da ponta leste considera-a sagrada. Um pescador levou-nos de barco e a água é de um azul incrível... Foi um momento especial, o ponto mais oriental da minha viagem. A ilha não tem vestígios de intervenção humana e o facto de estar num sítio onde não há nada construído é, para um arquiteto, uma situação libertadora»



■ «Demorei mais tempo que o normal a preparar o doutoramento, porque tive alguns problemas de saúde que me atrasaram. Mas, no fim, fui buscar um resto de energia. A partir do momento em que a tese de doutoramento vai para a biblioteca há uma sensação estranha. É uma espécie de legado que vai ficar para outras gerações. O dia do doutoramento, na Sala dos Capelos em Coimbra, foi especial, rodeado pelas pessoas que mais me apoiaram. Senti então que todo o investimento feito tinha retorno»

■ «A primeira vez que fui a Goa foi um dos momentos-chave da minha vida. Estava desencantado com o que se passava em Portugal, sentia necessidade de sair do País. O meu pai já me tinha falado de Bombaim, mas cheguei a Goa no pico da monção... Marca qualquer pessoa. O território está coberto por um manto verde, há calor, tempestades de trovoadas. Em Banjim, quando as pessoas mais velhas, católicas, descobriram quem eu era, começaram a falar português comigo. Para quem estava sozinho do outro lado do mundo, foi uma espécie de reencontro»



■ «A casa de férias em Esposende foi desenhada pelo meu avô [o arquiteto Arménio Losa], em 1957. Ele fazia parte de uma corrente modernista, influenciado por Le Corbusier. É o sítio onde, em pequeno, passava o verão. A casa era indissociável do pinhal. O meu avô plantou-o para a minha avó [a escritora alemã Ilse Losa], que não gostava de praia. Era um sítio misterioso, de descoberta. A casa em si é muito simples, austera. Não tinha mobília e a que existia era embutida, desenhada como parte do edifício. Foi esta casa que despertou em mim o interesse pela arquitetura»

